

13 de Dezembro

O que É que a Chamada de Jesus Significa para Mim?

Passagem Bíblica: Marcos 2:15-28

CONTEXTO DA PASSAGEM

Jesus começou o seu ministério público com um envolvimento directo na vida das pessoas que precisavam da sua ajuda. E isso fez com que muitas pessoas o seguissem. Por outro lado, ele teve muitos conflitos com os líderes religiosos, porque os seus ensinamentos ameaçavam o estilo de vida que eles tinham. No capítulo 2 e início do capítulo 3, Marcos apresenta cinco situações de conflito entre Jesus e os seus opositores.

A primeira secção traça o que Jesus veio fazer (Mc 2:1-12). Alguns amigos de um paralítico baixaram-no pelo telhado até à presença de Jesus. Como Filho do Homem, Jesus exerceu a autoridade de Deus, usando-a para perdoar os pecados do paralítico e curá-lo fisicamente. O perdão e a cura estão relacionados, porque o perdão trata do problema do pecado, o qual provoca as imperfeições físicas que todas as pessoas sofrem.

Na segunda secção Jesus interage com Levi, o cobrador de impostos, e com outros “pecadores” (Mc 2:13-17). Jesus veio para ajudar as pessoas com todo o tipo de problemas. A elite religiosa não conseguia entender a Sua associação com pessoas espiritualmente inadequadas.

A terceira secção providencia encorajamento sobre como viver a vida cristã. A primeira parte (Mc 2:18-22) contrasta a luta inglória daqueles que estão presos às velhas crenças religiosas com a atitude alegre daqueles que seguem a Jesus. A segunda parte (Mc 2:23-28) aponta para a intenção de Deus em satisfazer as necessidades humanas em vez de entravar as pessoas de viverem uma vida frutífera.

A última secção (Mc 3:1-6) inclui a cura de um homem que tinha uma das mãos mirradas. Jesus desafiou todos os que estavam presentes a colocarem a sua prioridade na ajuda aos necessitados do que em obedecer a tradições religiosas.

Alcançar os Pecadores (Marcos 2:15-17)

Versículo 15

Os versículos 15 a 17 formam uma história independente que os estudiosos sobre a Crítica da Forma identificaram como um História de Proclamação, isto é, uma narrativa pequena que anda à volta de uma afirmação que Jesus fez e que era muito importante para as primeiras comunidades cristãs¹. O facto de o verbo γίνομαι se encontrar no Presente mostra que Marcos está a usar uma história contada pelos cristãos pouco depois de Jesus ter subido aos céus, dando ênfase à realidade da presença de Jesus no seu seio. Depois temos o pronome αὐτός como sujeito do Infinitivo κατακεῖσθαι (*katakeisthai*) que certamente se refere a Jesus inicialmente, assim como a expressão “na sua casa” se referia à casa de Jesus. O versículo teria esta interpretação:

¹ Vincent Taylor, *The Gospel according to St. Mark*, Grand Rapids, Baker Book House, 1981 (1966), 78 e 203.

“E acontece que ele está reclinado em sua casa, e muitos publicanos e pecadores estavam inclinados à mesa com Jesus e os seus discípulos, porque eram muitos, e o seguiam”. Portanto, Jesus estava a repousar em sua casa, mas chegam muitos publicanos e pecadores a quem ele convida para comer com ele.

Como vimos, originalmente a história referia-se só a Jesus, mas, como Marcos a colocou a seguir à chamada de Levi, agora o pronome αὐτός aponta para Levi, que recebe Jesus e os seus primeiros discípulos em sua casa. O interessante é que Marcos, não providenciando muita informação nem detalhes, mostra que Levi teve a oportunidade de apresentar a Jesus a sua família e os seus amigos.

Os que se “reclinam à mesa com” (συνανάκειμαι) Jesus e os seus discípulos são “publicanos” e “pecadores”. O “sentar-se à mesa” não era em cadeiras, pois o hábito daquele tempo correspondia a almofadas colocadas no chão à volta de uma mesa baixa, e as pessoas costumavam inclinar-se apoiando-se no cotovelo do braço esquerdo e chagavam à comida com a mão direita. Levi, como publicano que era, isto é, cobrador de impostos tributados a Roma, certamente também tinha colegas de profissão que costumavam juntar-se com ele em alguma refeição.

Normalmente os governantes distritais tinham de pagar uma quantia fixa ao imperador, mas tudo o que eles recolhessem a mais era proveito para o cobrador. Provavelmente, Levi recolhia o dinheiro num ponto perto de Cafarnaum, talvez ao longo de uma das ruas principais de comércio. As pessoas comuns não gostavam muito dos publicanos, porque o sistema dava azo a abusos e estes costumavam sobrecarregar os contribuintes. O que acontecia muitas vezes era que os romanos contratavam judeus para serem cobradores de impostos. Estas pessoas eram consideradas traidoras aos olhos de muitos judeus e, por isso, viviam como marginalizados na comunidade.

A palavra “pecadores” não se referia, provavelmente, só a degenerados completamente, pois também designava aqueles que erravam na sua dedicação às práticas judaicas legais. Possivelmente, os seus trabalhos e outras responsabilidades impediam-nos de seguir as leis e as tradições.

O evangelista termina este versículo realçando o facto de que os publicanos e pecadores eram muitos e o seguiam. É evidente que o pronome “o” refere-se a Jesus. A questão que se coloca é se estes “muitos” eram seguidores de Jesus no verdadeiro sentido da palavra. Na verdade, o número de pessoas interessadas em Jesus ia para além do pequeno grupo de doze apóstolos. Provavelmente aqueles que queriam aprender acerca de Jesus podiam ser considerados discípulos.

Versículo 16

Os líderes religiosos observavam as acções de Jesus de muito perto. A literatura judaica dá-nos informação suficiente para sabermos que sempre que havia um banquete numa casa, esta estava de certa forma aberta a quem passasse por ali. Parece que era costume haver intrusos que, não sendo convidados, procuravam tirar proveito da grande confusão que normalmente havia nestas ocasiões. Alguns banquetes judaicos contavam com 85 hóspedes².

Aqui, os observadores eram *os escribas dos fariseus*. O texto original não nos fala de dois grupos (escribas e fariseus), como a versão tradicional portuguesa tem, mas de um grupo apenas. Neste caso eram os escribas que faziam parte do grupo dos fariseus. Os escribas eram as pessoas que se dedicavam à escrita e interpretação da Lei. O termo grego γραμματεὺς (*grammateús*) está associado à nossa palavra “gramática”. Já anteriormente (1:22), Marcos diz que o ensino de Jesus não era como o dos escribas.

² Adolf Pohl, *Evangelho de Marcos*, Curitiba, Editora Evangélica Esperança. 1986, 112.

Certamente na sua interpretação da Lei faltava ao seu ensino espontaneidade, pois estavam muito agarrados à tradição. Os fariseus eram pessoas que procuravam obedecer a cada aspecto da Lei à letra. A palavra para “fariseu” vem do hebraico e significava “separados”. Eles separavam-se dos que eram menos dedicados à observância da Lei. Claramente, eram boas pessoas de acordo com os padrões da sociedade em que viviam. No entanto, a sua bondade subiu-lhes à cabeça, pois julgavam-se melhores do que os outros.

Estes intérpretes da Lei da corrente dos fariseus viram Jesus a comer com pessoas que eles consideravam de baixos padrões morais. Estar à mesa com alguém demonstrava a sua aceitação. Deste modo, a imagem de Jesus era prejudicada por se associar com marginais, na perspectiva dos fariseus. Se Jesus queria estar à altura dos fariseus, precisava de pensar e agir como eles. Por isso, estes líderes questionavam os discípulos de Jesus sobre a rectidão das suas acções. Por que razão ele comia com estas pessoas? O verbo “dizer” (λέγω) encontra-se no Imperfeito dando a ideia de continuidade. Eles não se cansavam de questionar a atitude de Jesus. No entanto, é relevante notar que eles dirigem-se aos discípulos de Jesus e não ao próprio Jesus. Portanto, o episódio narrado pelo evangelista apresenta uma preocupação da igreja primitiva em que os discípulos de Jesus são questionados por aquilo que Jesus fazia e que eles procuram pôr em prática na sua génese.

Versículo 17

Jesus confrontou o julgamento dos escribas dos fariseus com um provérbio comum e auto-explicativo daqueles tempos. É verdade que uma pessoa doente sabe que precisa de um médico e então procura-o. As pessoas saudáveis não procuram um médico porque não sentem necessidade. Jesus aplicou o provérbio aos publicanos e pecadores doentes com o pecado, que precisavam do ministério de perdão de Jesus. Por sua vez, os inquisidores achavam-se pessoas justas, pessoas acima do pecado. A forma de demonstrarem que não precisavam do Grande Médico era destacando as suas boas obras.

A primeira parte relativa ao médico e ao doente faz parte do provérbio que os Cínicos e representantes de outras escolas filosóficas usavam naquele tempo. Como diz Schweizer esta era uma metáfora favorita dos filósofos gregos peripatéticos. “Quando um deles era reprovado por causa da sua associação com pessoas de classe mais baixa, ele dizia: Normalmente os médicos não ensinam entre os saudáveis, mas onde estão os doentes”³.

É também importante notar que quem responde à pergunta feita aos discípulos é Jesus. Por outro lado, é de realçar que o verbo “dizer” encontra-se no Presente do indicativo. Os gramáticos identificam-no como um Presente Histórico e por isso é traduzido no Imperfeito. Contudo é preciso referir que o uso do Presente (ao contrário de Mateus e Lucas que mudaram o verbo para o Aoristo) aponta para a presente realidade de Jesus no seio da igreja. O ensino de Jesus não é uma coisa do passado, mas actual.

A parte final do dito de Jesus mostra a preocupação não tanto com os publicanos, mas com os pecadores. A preocupação com os publicanos seria uma questão mais da época, uma vez que eles eram considerados uns traidores da nação judaica. Mas a igreja achou por bem mostrar que a preocupação de Jesus não era política, mas espiritual. O maior problema que o ser humano tinha era estar desviado do

³ Eduard Schweizer, *The Good News According to Mark*, London, SPCK, 1970, 63.

plano de Deus para a sua vida, era estar destituído da glória de Deus, era estar morto espiritualmente porque estava separado da comunhão com Deus.

Viver com Uma Nova Atitude (Marcos 2:18-22)

Versículo 18

A lei judaica exigia o jejum uma vez por ano no dia da Expição, a fim de mostrar o remorso pelos pecados. Muitas pessoas, porém, praticavam o jejum noutras alturas tais como na morte de alguém para mostrar o seu pesar ou uma humildade pessoal.

Esta passagem indica que os discípulos de João Baptista e os fariseus usavam a disciplina do jejum como uma prática religiosa. Esta era uma tradição judaica muito enraizada nos seus rituais de culto. Para tentarem provar a sua rectidão, os fariseus jejuavam duas vezes por semana, às segundas e quintas-feiras. Como era uma prática comum, alguns perguntavam por que é que os discípulos de Jesus não o faziam.

Não há nada que indique que Jesus proibia o jejum entre os Seus discípulos. Mas não era um requisito para a demonstração de uma fé aceitável.

Versículo 19

Jesus explicou a sua indisposição para impor a disciplina do jejum usando uma ilustração explicativa sobre o casamento. O jejum exibia a tristeza ou o lamento, enquanto os casamentos eram ocasiões de celebração. Por conseguinte, era inapropriado um convidado estar a jejuar na presença de um noivo feliz. Durante os sete dias da boda, o noivo, que era o centro das atenções, mostrava grande alegria.

Não havia regra que exigisse que os convidados deveriam jejuar durante uma festa de casamento. De facto, os rabis muitas vezes usavam as festas de casamento para ilustrar a alegria que se devia ter com a chegada do Messias.

Versículo 20

Jesus admitiu que um dia a festa de casamento acabaria. Esta referência velada ao sofrimento que viria sobre Jesus indica que haveria um tempo para a tristeza para os discípulos no futuro. Até essa altura, porém, a alegria predominava para eles. Depois da tragédia da cruz, outro tempo de alegria viria com a ressurreição. Quando os discípulos tivessem de fazer jejum seria o resultado genuíno de tristeza e não por questões de requisitos.

A fé dá aos crentes uma razão para estarem alegres. Algumas pessoas pensam que a alegria vem somente quando as coisas estão a correr bem. Porém, na verdade a alegria não depende de circunstâncias externas. A base da alegria é aquilo que nós sabemos que é verdade nos nossos corações. Somos filhos de Deus porque Deus assim nos deu esse privilégio em Cristo Jesus. Os eventos diários podem ser bons ou maus, mas a alegria permanece como uma constante porque o amor de Deus por nós também é constante.

Versículo 21

Jesus elaborou o novo caminho de vida que estava a oferecer com o uso de duas parábolas. Esta vida não se encaixa nos velhos padrões como os do sistema legal do judaísmo. Um remendo de pano novo numa veste velha apresenta uma má combinação. Os pobres, pessoas comuns no tempo de Jesus, compreendiam o princípio dos remendos nos tecidos. Um tecido novo tem tendência para encolher quando é lavado. Se estiver

agarrado a um tecido velhos, ao encolher, vai esgaçar o tecido velho e fica com um buraco maior.

As tentativas de adaptar o novo modelo de cristianismo, como é exemplificado por Jesus e seus discípulos, ao velho molde do judaísmo seria um desastre. Jesus não está a ensinar que se deve repudiar a fé do Antigo Testamento. Ele simplesmente realçava o novo caminho da fé cristã.

Versículo 22

Do mesmo modo, colocar vinho novo num odre velho provoca o mesmo resultado. As peles dos animais serviam como reservatórios para o vinho. As peles antigas ficavam mais quebradiças com o tempo de uso. Como o vinho novo fermentava, isso provocaria a rotura das peles velhas. O vinho novo deveria ser colocado em peles maleáveis para estar seguro.

Mais uma vez Jesus detalhou a incompatibilidade dos velhos caminhos do judaísmo com a vida fresca e alegre em Cristo. Jesus ofereceu uma nova perspectiva sobre a vida de fé.

Jesus dá liberdade aos crentes para que o sirvam com um espírito alegre. Não estamos presos a um sistema de fé em que nos é exigido coisas só porque as outras pessoas fazem. A atitude de liberdade dada por Cristo permite que desfrutemos da vida com ele. Com muita facilidade caímos para um padrão confortável na nossa adoração e prática da fé. Por isso, devemos ser muito cuidadosos em questionar, de tempos a tempos, a motivação que está por detrás das nossas acções.

Conhecer as Necessidades dos Outros (Marcos 2:23-28)

Versículo 23

Os fariseus faziam um grande esforço para proteger o sabbath de abusos. Eles não aprovavam tudo aquilo que pudesse ser considerado trabalho num dia de sabbath, porque a lei proibía qualquer actividade nesse dia. No curso das suas viagens, Jesus e os seus discípulos atravessavam muitas searas. É interessante que os proprietários costumavam deixar carreiros por entre os campos para facilitar a viagem.

O que aconteceu é que os discípulos de Jesus colheram espigas para comerem, enquanto passavam. De acordo com Deuterónimo 23:25, a lei permitia esta prática para alimentar os viajantes ao longo do percurso.

Versículo 24

Provavelmente, os fariseus seguiam o grupo de Jesus de muito perto para observar as suas acções. Os líderes religiosos acusaram-nos de praticarem algo ilegal. Eles interpretaram, certamente, o acto como sendo uma colheita, uma das coisas que estava proibida na lei como trabalho. Os observadores acusaram Jesus de estar a permitir que os discípulos profanassem o Sabbath daquela forma.

Versículo 25

Jesus respondeu aos críticos com o estilo de um mestre rabínico. Ele fez uma pergunta, se eles não tinham ouvido sobre o que aconteceu com David numa ocasião em que ele estava com fome num dia de Sabbath (1 Sam. 21:1-6).

Versículo 26

Jesus referia-se ao tempo em que David e o seu grupo entraram num local de adoração e comeram do pão sagrado. Este evento aconteceu no tempo em que o sumo-sacerdote se chamava Abiatar. Todos os Sabath os sacerdotes colocavam 12 pães frescos no altar como oferta para Deus. Depois do seu uso na adoração, o pão era usado pelos sacerdotes como comida e mais ninguém podia tocar nele.

A atitude de David significava quebrar a lei. Mas ele sentiu-se compelido a satisfazer uma necessidade dos seus companheiros que estavam famintos. Portanto, aquilo serviu um bom propósito. Não havia indicação alguma de que Deus tivesse condenado a atitude de David. Com isto, Jesus estava a identificar a situação dos seus discípulos com a dos companheiros de David. Eles precisavam de comer algo. A disponibilidade das espigas no campo deu-lhes a possibilidade de satisfazerem a sua fome.

Versículo 27

Jesus acrescentou mais detalhes sobre o propósito real do Sabath nesta máxima. Deus providenciou o Sabath para o benefício do homem e não o homem para o Sabath. Isto revela uma tensão entre as expectativas religiosas e as necessidades humanas. Será que Jesus quebrou o quarto mandamento ao não aderir às regras sobre o Sabath? Não. Ele providenciou um novo foco sobre o propósito real do Sabath que era ajudar os crentes e não constrangê-los.

A comida para os discípulos esfomeados permitiu que eles tivessem a oportunidade de cumprir o intento do Sabath. Através dela eles ganharam forças para poderem servir melhor a Deus.

Deus designou que o Sabath fosse usado como um dia para adoração e descanso. Esta mesma intenção foi transportada para a prática cristã de adoração e descanso ao domingo. Os seres humanos precisam de um tempo semanal para renovar o seu foco em Deus e relaxar da rotina diária fatigante.

Versículo 28

Como Senhor até do Sabath, Jesus esclareceu o papel adequado ao Sabath. Ele possuía a autoridade para fazer isso pois era o Filho do Homem. Com esta autoridade ele lembrava aos que o ouviam que o Sabath existia para o melhoramento da coroa da criação – os seres humanos.

Jesus mostrou a sua compreensão do seu papel como o Filho divino quando se referiu a si mesmo como o Filho do Homem. Algumas vezes, este título aponta para a humanidade de Jesus, mas noutras ocasiões descreve a sua divindade.

CONCLUSÃO

1. Quando aceitamos a chamada de Jesus, ele quer que providenciemos oportunidades para outros ouvirem e responderem à sua chamada.
2. Quando aceitamos a chamada de Jesus, temos razões para viver com uma nova atitude que é caracterizada pela alegria.
3. Quando aceitamos a chamada de Jesus, prestaremos atenção ao fazer o bem, satisfazendo as necessidades das pessoas.